

*** REDACTOR PRINCIPAL ***
 Alexandre Vieira
 *** EDITOR ***
 Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
 (Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)
 — Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 154 —

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.
 Lisboa — PORTUGAL

End. telogr. Taha — Lisboa — Telefone: 2

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

FIRMES

Sucedem o que tinhamos previsto. Os governantes perderam a cabeça e começaram a lançar mão das forças policiais contra a classe trabalhadora. A atitude serena, correcta e nobilíssima do operariado, corresponde ao governo com a calma, com a amplexa, com o encarceramento, com o emprego da força, com o assalto a associações de classe.

Queremos, apesar de tudo, continuar a estar serenos. Mas diante do que se está passando, quando esta gente, que ainda ontem protestava contra a ingerência do poder militar em questões de carácter civil e condenava o emprego da violência e da violência como processo de resolver conflitos, vem agora a fazer a resolução de greves, manifestações, como se a viação eléctrica, das Águas, e dos serviços municipais, em um ministro da guerra, que tem o assessor de carácter social, tem o chefe do militar de profissão, quando todo o ministério se identifica plenamente com a obra desse tenente-coronel, que só sabe proferir ameaças, ainda as mais inconvenientes, então difícil se torna conter um grido forte de protesto e um gesto de revolta. E que, na verdade, tudo tem os seus limites, a parafusada e a seriedade do povo trabalhador.

Em vão temos dado apelo para o bom senso dos governantes; em vão temos apurado que a calma e a correcção com que o operariado se tem manifestado convencem os governantes das nossas sinceras intenções. Nada obsta a que continue a campanha de difamação que em volta dos incidentes se tem levantado. E apesar de já estar averiguado que o incêndio do Linoiro foi fiteado por presos de direito comum, que não tem que ver com o operariado organizado, não nos podemos avançar, apesar de tudo, a indicar que o incêndio do Terreiro do Paço só poderia ser obra de elementos conservadores, desejosos de irritarem a questão e de impedir a pacífica solução dos conflitos; apesar da repulsa e rejeição que estas acções têm merecido a toda a organização operária, os jornais continuam misturando, propositadamente, incidentes com actos de sabotagem e movimentos operários.

Poucas greves em Portugal se tem mantido com a seriedade e a ordem das que actualmente estão desenvolvendo. E como responde o governo a essa atitude ordeira? Intima os empregados da Companhia de Electricidade com os carros, a bem ou mal. Manda forças em busca dos maquinistas e fogueiros da Companhia para os coagir a trabalhar. E como estes polliciosos ardis esbarrem de encontro à vontade firme e ao espirito de solidariedade da classe, o governo não encontrando desta vez com os seus camaradas, faz encaminhar três carros, tripulados por militares para o que o exercito se presta a armarlos por tal forma que a gente tem a impressão de que a cidade está sendo atravessada pelos famosos tanks chegado da front.

A Câmara, depois de ter reconhecido a justiça que assiste aos seus trabalhadores, e ao que parece, como resposta a attitude serena destes, intima o pessoal a retomar amanhã o trabalho, ameaçando com a despedimento. E isto a pessoal da Companhia das Águas, que pretendia reunir para resolver naturalmente, de harmonia com o parecer da sua comissão, uma attitude de transigencia e o regresso ao trabalho, afim de não mais se puder explorar com o facto de não haver água para apagar os incendios, até essas reebim.

O PROLETARIADO

manejos reaccionarios

Fulgimos em que a attitude que este jornal assumiu perante os factos desses últimos dias, desdenhando a capital travesse, correspondendo ao pensar do seu proletariado. Durante o dia de ontem recebemos a visita de vários camaradas que nos vieram felicitar por essa nossa attitude, associando a nossa a sua repulsa aos incidentes que nestes últimos dias se tem succedido. E diante as manifestações de repulsa dos nossos camaradas reaccionarios destacamos a do Sindicato Ferroviario que nos enviou o seguinte comunicado:

Os corpos gerentes do Sindicato Ferroviario, apreciando os factos que nos foram expostos e que se podem aproveitar nos momentos de crise da Republica, afirmam a sua solidariedade com todos os elementos progressivos do regime e collocam-se incondicionalmente ao lado do governo para o combate ao reñido e aos especuladores capitalistas que tiram, com as suas ganhas extorsões, a desgraçada situação económica em que se debatem todas as classes, e de crimes, que assumem a organização operária, levar o governo a repulsa a obra socialista em via de execução pelo ministro do trabalho.

Compreendendo o plano que se tem em vista pela observação dos incidentes que se verificam e covardemente se manifestam entre as classes em luta, quando porventura soluções convenientes se apresentam as assembleias, os corpos gerentes do Sindicato deslhambram apelar para todos os meios, mesmo os mais violentos, para assegurar ao governo a entrega de que poderá contar com o apoio dos ferroviarios contra os inimigos da Republica e do progresso social.

Também a União dos Sindicatos Operários de Setúbal aprovou a moção seguinte, que ontem mesmo entregou ao presidente do ministério:

Considerando a gravidade do momento que passa;

Considerando que elementos politicos da corrente conservadora pretendem por todos os meios os mais torpes e jesuiticos lançar a confusão no país, com fins reservados, e de todos nos conhecidos;

Considerando que o proletariado, consistente da sua força, sabe cumprir para com o governo e a entrega de que poderá contar com o apoio dos ferroviarios contra os inimigos da Republica e do progresso social;

Notas e Comentários

O exercito em acção

Já o tinhamos no emprego da remoção do lixo, assim como o temos tido noutros empregos por occasião de greves, e tivemos-o ontem, guiando carros electricos, com o mesmo aparato bérlico com que se guia o transporta um engenho de guerra num campo de batalha.

E um serviço de viação só para militares ou gente aguerriada. Mestre burguez e suas familias com certeza que não entram nos electricos em tais condições de serviço.

E para estas e outras que a Nação paga ao seu exercito.

Nos bem sabemos que a disciplina militar obriga que o soldado obedea. Mas é para lastimar que o exercito sirva de pau para toda a obra, como por exemplo no caso dos impedidos que, fardados, fazem coisas estranhas a sua profissão.

Para tudo serve o soldado português, louvares a Deus!

Quando é mandado, faz quanto lhe mandam fazer.

Fura greves, estrega casas; engraxa o carro das meninas; leva-as à escola e ao cinema; vai às compras; vai ao Edem; lava a loiça e os panos da cozinha; passa a ferro; e sabemos até do impedido a quem a esposa do seu officio mandava lavar uns certos panos que, por via de regra e pela respectiva, transcendentes são lavados pelas próprias senhoras que fazem uso d'elles ou pelas suas lavadeiras que usam também panos identicos, em determinadas circunstâncias.

Uma trabalhada ou uma tranfalica. A disciplina é dura mas é discipli na. Oficial manda, soldado obedece.

Grito de alarme

Soltou-o ontem O Seculo, em editorial, contra a falta de água resultante da greve do pessoal da Companhia que nos fomos esse liquido, mostrando-se muito affito com a perspectiva de perecer com sede a população de Lisboa, e milhares e milhares de criaturas — enfermos, adultos e crianças — morrem de fome há uns poucos de anos, quando não morrem envenenadas com as mixórdias que ingerem, especialmente o pão, tudo vendido por um preço baixo e seis vezes superior aos preços anteriores à guerra e numa esparçada de proporcão com os salarios auferidos actualmente.

Sempre reaccionaria as innovações, a imprensa burguesa e O Seculo, designadamente não se lhe dá que se morra de fome; o que não quer é que se morra de sede, isto é, que lhe falte a água no contador e nas bocas de incendio, de onde se tira que não é o mal do povo que lhe dá a comida, mas o seu próprio interesse, que obriga O Seculo a soltar o seu grito de alarme contra... o fantasma que persegue a burguesia.

A greve da Carris

Do contrario do que podia inferir-se da leitura duma nota ontem publicada pela imprensa, os carros electricos não circulariam. A greve do pessoal da Carris mantém-se em absoluto, e manteve-se até que as reclamações por parte do pessoal apresentadas sejam satisfactorias. Certo é, porém, que, ao começo da tarde de ontem, apareceram nas ruas da cidade obra de três carros electricos. Ora não é o aparecimento de três carros facto capaz de anular a greve, tanto mais que os que conduziam e occupavam não fazem parte do pessoal grevista. Eram militares fardados ou à paisana. Regorrigavam d'elles os três carros em curso. Gente nos bancos, nos estrados, no tejadilho, nos plataformas. E de tal maneira acclamada que, sob o olhar, merdavam os carros e o fado. E os seus occupants também. Pois aos três electricos tanta gente os montava que não havia maneira de vê-los a cor. Nós é que a conhecemos já. E amarela.

Intervenção estrangeira

A uma comissão de grevistas que há três dias o procurara, fez saber um membro do governo que a efervescencia operária, manifestada em Lisboa ultimamente, podia muito bem dar lugar a uma intervenção estrangeira. A greve dos operários do municipio, fazendo com que as ruas lisboetas se obstruissem de lixo, era, segundo disse o auido membro do governo, uma das mais importantes causas que poderia provocar aquella intervenção. Pois foram uma profeta, as palavras do governo. Por mor da greve dos operários municipais, já a intervenção estrangeira se verifica. Uma intervenção aliás solicitada. E o caso de ter a câmara apellado para os camaradas moços de fretas, quasi todos elles da procedencia espanhola. As hostes galicas preparam-se e dispõem-se para empunhar as vassouras camararias. E-la, a intervenção estrangeira, estrangulando a greve portuguesa. Vae victis! Com esta, derrotados ficam os grevistas municipais. A Galiza intervem com seus alentados filhos. E los que efectuam a limpeza deliberadamente sustentam as vassouras, guiam as carroças, agarram as mangueiras, empunham a pá. E nesta rra, por certo, os reclamantes.

Viva a Republica!

Ontem, pela tarde, no meio da tranquillidade dominical e sob um sol radiante, percorramos as ruas da Baixa repletas electricos. E que o governo afirmava, segundo diziam os jornais da manhã, que os electricos haviam de circular, ontem mesmo, custasse o que custasse. E como assim tinha que succeder, custasse o que custasse, sacrificasse-se embora ao ridiculo um punhado de homens acorrentados a caser-

Quem são os criminosos?

Com referencia ao movimento operário dos últimos dias, em Lisboa, diz O Seculo de ontem, domingo, que a Associação Commercial, reconhecendo que a situação presente implica uma luta entre as forças organizadas da sociedade e as que promovem a sua dissolução, apoia o seu inteiro e incondicional apoio ao governo, louvando-o pela iniciativa que se propõe tomar: reprimir o qualquer tentativa de novos crimes e punindo os já praticados.

Evidentemente que a Associação Commercial, oferecendo o seu auxilio ao governo, nos termos e com os fundamentos acima indicados, pretende atingir as organizações do trabalho e atribuir-lhes o incendio da parte leste da arcade do Terreiro do Paço e da Cadeia do Linoiro, como se é dos dois incendios pudessem interessar e ter sido ligados ou sugeridos pelas classes operarias organizadas, ás quais não interessa igualmente o assalto que, por vezes, se tem anunciado ao ministério dos abastecimentos, em cujos arquivos e em diversos processos que ali existem há documentos comprometedores para alguns e muito honrados comerciantes de Lisboa e de outros pontos do País e ainda outros documentos comprovativos de grandes e importantes rouba-lheiras feitas ao Estado.

Alguém, porventura interessado em fazer desaparecer documentos existentes na parte leste da arcade do Terreiro do Paço e ainda no Tribunal do Comercio, teria mais conveniência nesses incendios que o operariado agora em luta contra a organização capitalista, apenas por um motivo de natureza económica.

O incendio do Linoiro só pouco poderia interessar ao operariado, tanto mais que uma grande parte dos reclusos daquela prisão do Estado são operários.

Pretendem fazer-se o plinico, alarmando a cidade e aproveitando-se da greve do pessoal da Companhia das Águas e a consequente falta de água, lançaram-se aqueles dois incendios. E assim, de uma cajadada, matavam-se dois coelhos.

A patifaria, porém, é tão transparente que só os cegos não podem vê-la.

Há cerca de quarenta anos ardeu o brigus Canhões, em construção no Arsenal de Marinha.

Já de noite, a sentinella superintendente ouviu um estampido para o lado do estaleiro que, imediatamente, foi tomado dos canhões.

A construção do referido brigus cavilha podia ser de prata.

E como não as tivesse deste metal ardeu o brigus.

O depósito dos fardamentos e a sala do risco arderam, há pouco, misteriosamente, como arde tudo que encerra materia inflamável de escandalo e provas irrefutáveis de rouba-lheira grossa, ficando sempre impunes os auctores desses crimes e seus respectivos agentes. E os mesmos crimes a criaturas innocentes e inoffensivas, o auxilio, mais ou menos, da imprensa burguesa que favorece poderosamente essa manobra encaminhando a opinião pública a seu geito, a favor dos seus parciais.

Mas vamos lá à Associação Commercial, tão mal dispostos como anda com o governo e sobretudo com os srs. ministros das Finanças e do Trabalho por causa do imposto sobre o luxo e do decreto das 8 horas de trabalho, respectivamente.

Pelo documento que em seguida transcrevo e cuja copia obtive difficilmente se poderá aquilatar da sinceridade da referida Associação que se viu agora oferecer o seu inteiro e incondicional apoio ao governo porque lhe cheiou o pão a chourico; sem que lhe cheire o castanheiro a cortica.

Governo Civil de Lisboa — Comissão districtal de Subsistências. — Circular, — Ex.ºm. Senhor — Motivos superiores de carácter inteiramente patriótico e humanitário, reñidos a outras de segurança, salvação e tranquillidade pública, não sómente no populoso districto confiado à minha administração civil, como também em todo o país e ainda a actual situação económica, sobremaneira angustiosa e dum desespero transbordante do povo português no continente da Republica, le-va-me a solicitar a V. Ex.ºa o peñhoramento obsequio de comparecer no Governo Civil e no meugibante, em companhia de mais dois cavalheiros da direcção da colectividade da sua mais digna presidência, na próxima quarta-feira, 16 do corrente, pelas 21 horas, o que agradeço antecipadamente, assés convencido de que do nosso encontro e da nossa troca de impressões dependem, em absoluto, a solução imprescindivel dum importante e gravissimo problema cujo enunciado terá a honra de lhe fazer de viva voz como lhe faço, desde já, a manifestação do meu ardentissimo desejo de chegarmos a um accordo enjas vantagens considero de comum interesse de todos quantos se tornaram cidadãos portugueses pelas condições de seu próprio nascimento e sabem e queiram collocar os interesses da Pátria, máe comum, acima de qualquer outro interesse ou conveniência.

Saúde e Fraternidade. — Lisboa, 14 de Agosto de 1916. — O Governador Civil, presidente da Comissão, (A) Chagas Franco.

Esta circular cuja imfinta foi redigida por mim, por ordem do sr. Chagas Franco e como vocal da sobredita comissão, foi enviada ás colectividades eu seguida mencionadas:

Associação Commercial de Lisboa; Associação Industrial Portuguesa; Associação Commercial dos Zapistas de Lisboa;

Um gesto nobre

Acaba de fazer-lo o pessoal da Companhia e collocando assim os seus interesses vitais num plano muito superior ao plano dos interesses da população da cidade.

Esse gesto marca, define perfeitamente uma consciencia colectiva, mas não foi um gesto singular.

Há anos, em Setúbal, o pessoal operário da respectiva câmara, que constituiria recentemente a Associação de Classe, abandonou o trabalho para fazer valer uma sua reclamação de justiça.

Todo esse pessoal se compunha de gente simples, muitos d'elles analfabetos mas, sem que alguns d'elles suseriesse tal procedimento resolventem, por unanimidade e espontaneamente, tratar do gado da câmara, diante a greve e ter sempre cheias as pipas da régua para o caso de se manifestar incendio. E assim se fez, acontecendo também que a câmara obzou aquelles nossos camaradas a abandonar o seu trabalho porque o servem.

Em todo o caso, vê-se bem que nas organizações de trabalho existe uma consciencia dos altos deveres sociais e os factos desta natureza merecem registo, pelo menos para tranquilizar os passivos que se tornam timoratos, em excessos, por haver uma espécie de criaturinhas, de má fé excessiva, que se fazem eco de boatos terrificos e infundados para a consecução dos seus fins.

Ministro do trabalho

Publicamos ontem a nota officiosa do partido socialista, na qual era comunicada à imprensa a demissão do ministro do trabalho e os motivos do seu pedido nesse sentido, transmittido aos outros membros do governo.

Segundo essa nota, o ministro do trabalho incompatibilizara-se com os seus cotegos do ministério por discordar absolutamente das injustificáveis perserções e violências dirigidas contra o operariado e que ameaçavam intensificar-se, mercê, principalmente das precipitações do ministro da guerra. A attitude do número de ontem de O Combate, energica e de franca hostilidade a tais processos de governo, confirma a nota officiosa do partido socialista sobre a saída do seu ministro e dá bem a nitida impressão da retribuididade entre este e os outros membros do ministério.

É necessário ser justo. A decisão do ministro do trabalho caiu bem no meio operário que viu assim que a atmosfera do poder, julgando mortal para os socialistas, não afixou em Dias da Silva as suas qualidades revolucionarias e a sua preocupação de coerenza. Mas, se caiu bem a sua deliberação pelo motivo que a isso o levou, não devemos deixar de dizer que muitos há, entre vós, que vêem na sua saída o desaparecimento da revolução feita de cima e que muitoinha a aproveitar a burguesia — e, consequentemente, o agravamento futuro do problema social.

Mas o mundo macha... e as responsabilidades caberão quem, na sua coerenza, não tem duvida em lançar lenha para a fogueira.

Rima e é tristemente verdade.

Núcleo Juvenile Sindicalista

Reino hoje, em assembleia geral, este núcleo, na sede da federação da Construção Civil.

Pede-se a compaña de todos os camaradas componentes.

Orfeão Social

Convidam-se os oponentes do Orfeão Social a comparecer hoje, pelas 21 horas, na travessa d' Agua de Fôr, 55, 1.º, a fim de receberem novamente os seus bilhetes de identidade e resolver-se o prosseguimento de ensaios. A inscrição para o Orfeão Social e contra-se aberta na redacção e A Batalha, para camaradas de ambos os sexos.

Congresso Nacional Operário

A comissão organizadora do Congresso Nacional Operário, reúne hoje, pelas 21 horas arlixas, na sala do U. O. N.

UM GOSTO REVOLUTANTE!

Um 'boy-scout' agride a tiro um pacifico transeunte

Existem por aí uns agrupamentos de crianças, denominados boy-scouts, e onde, a pretexto de exercicios fisicos, a burguezia procura criar núcleos de indivíduos de que a vontade se possa utilizar. Tem já essas crianças, no meio da sua innocencia, auxiliado o Poder, em várias conjunturas, a fuzar greves. Desta vez também os utilizaram, para, sendo que a alguns foram confiadas armas de fogo.

Já essa medida dos lamentáveis resultados, e só por um acaso não temos a lamentar a morte de um pacifico transeunte, que ontem foi alvo de um tiro na rua de Santana à Lapa.

Foi o caso que nessa rua encontrava-se um grupo de boy-scouts que, a pretexto não sabemos de que, agrediu uma criança que ali se encontrava — resultante, certamente, desse gesto, de alguns dessas bírras que tão frequentes são entre as crianças. Já passando Eduardo Mendes que, indignado com o caso, verberou o procedimento dos boy-scouts, respondendo-lhe um destes que, se não se retrassse immediatamente, lhe vibrava uma machadada no coração!

Como que o caso que nessa rua encontrava-se um grupo de boy-scouts que, a pretexto não sabemos de que, agrediu uma criança que ali se encontrava — resultante, certamente, desse gesto, de alguns dessas bírras que tão frequentes são entre as crianças. Já passando Eduardo Mendes que, indignado com o caso, verberou o procedimento dos boy-scouts, respondendo-lhe um destes que, se não se retrassse imediatamente, lhe vibrava uma machadada no coração!

Como que o caso que nessa rua encontrava-se um grupo de boy-scouts que, a pretexto não sabemos de que, agrediu uma criança que ali se encontrava — resultante, certamente, desse gesto, de alguns dessas bírras que tão frequentes são entre as crianças. Já passando Eduardo Mendes que, indignado com o caso, verberou o procedimento dos boy-scouts, respondendo-lhe um destes que, se não se retrassse imediatamente, lhe vibrava uma machadada no coração!

Liga das Nações

O facto de ter hoje a Revolução, saído do domínio da teoria para se tornar uma realidade permite considerar como ultrapassado o estado duma Sociedade das Nações democratizada, a evoluir ulteriormente para o socialismo. A concepção duma tal sociedade no estado actual do mundo parece, pois, quimérica. O conflito dos imperialismos na Conferência da Paz, o desencadamento das mesmas cubias nos países recentemente fundados, tudo prova que a burguesia é incapaz de organizar essa Sociedade ou de fazer della outra coisa que não seja um instrumento de consagração do seu poder. Impedem-lhe os antagonismos irreductíveis entre os capitalistas dos diferentes Estados e a necessidade imperiosa de se preservar dos levantamentos revolucionarios. (Da Moção sobre Política Geral do Partido Socialista francez).

OS CONFLITOS SOCIAIS

Arreentua-se a agitação operária

As greves dos operários do Municipio, Carris de Ferro e da Companhia União Fabril prosseguem, a despeito das violências do governo

Os alfaiates declararam ontem a greve

As importantes greves que ora agitam a opinião pública, que reclama energeticamente uma rápida solução — solução fácil de encontrar desde que se tomem na devida attenção as reclamações apresentadas pelas diversas classes — mantêm-se, estando os respectivos componentes decididos, apesar da coacção exercida pelo governo, a só abandonar o campo da luta após a vitória da sua causa.

Pode-se calcular em 10.000 o número de grevistas, cifra que hoje será aumentada com a numerosa classe dos alfaiates que, conforme abaixo noticiamos, ontem votou a greve.

Vê-se pois que o movimento grevista apresenta-se de grande intensidade.

Nem doutra forma poderia ser, avistando-se as novas e importantes greves, e estes movimentos desencadeiam-se devida a presente carestia da vida, que apesar de ter fundado a guerra, dos transportes marítimos tereza barateado e baixado sensivelmente os seguros de guerra, não só se mantem como se agrava, devido ás criminosas manobras dos acambarcadores.

Ontem, um jornal da noite dedicava muitos das suas colunas a soffimar habilmente a questão, noticiando os graves successos sociais de uma forma tendenciosa. Mau processo. Maque-se a questão de frente, vlam-se as suas verdadeiras causas e diga-se tudo a verdade — que este reardeser da agitação operária não obedece á acção de mofens que não existem senão na fantasia ou má vontade das classes do poder da riqueza, mas sim á angustiosa situação económica, que força as massas produtoras a formular reclamações de imperiosa necessidade.

Mas, enfim, já estamos habituados a ver indivíduos que tem um critério — de manhã. Ao passo que, mal chega a noite, tem outras, sobre assuntos de importância capital.

A greve dos electricos

A Companhia pode aumentar o pessoal, sem necessidade de elevar as tarifas

O pessoal dos electricos declarou-se em greve. Toda a gente sabe a justiça que lhes assiste. Reclamava entre outras,

coisas um aumento de 80 centavos diários, pedido este muito justo, visto e seus insignificantes salarios serem incompatíveis com a grande carestia de vida. A Companhia, perante o ex-ministro do Trabalho, comprometeu-se a dar-lhes 40 centavos, roendo em seguida a corda.

Fizeram este pedido na certeza de que a Companhia tinha sufficientes recursos para satisfazer as suas reclamações sem que tivesse necessidade de recorrer a novo aumento de tarifas. Mas ella entendeu por sua vez que não devia sacrificar qualquer importância em beneficio do seu pessoal e por isso recusou terminantemente o aumento reclamado pelo mesmo pessoal.

Ora, é preciso não esquecer que ainda há pouco a Companhia arrancou ao povo de Lisboa um aumento de tarifas, de várias exageradas. Não eram os devermos que esse aumento foi pouco mais ou menos de 45 % porque se fizeram uma análise a esse aumento, veríamos que há bilhetes que subiram apenas de 40 %, havendo outros, como por exemplo os da carreira da Praça do Marquês do Pombal à Praça do Comercio, em que o aumento foi de 155 %, porque as passagens de 3 centavos passaram a 8 centavos. Outras carreiras há em que existe a burla dos carros directos e passando os bilhetes de 3 centavos para 5 centavos, correspondendo ella, portanto, a 66 % de aumento. Pode-se, pois, estabelecer para o aumento, uma média de 45 %.

Prova-se que a Companhia não perdeu pelo inquérito que a Câmara Municipal, no tempo do sr. Sidónio Pais, fez á sua escrita, provando-se ter a Companhia, antes do aumento das tarifas, uma receita diaria de 2.500.000, que com o aumento de 45 % aumentou para 3.375.000.

O pessoal da Carris teve então um aumento de 92080 diários, reclamando agora mais 1381000, o que dá um total de 2.706800, revertendo a favor da Companhia a fabulosa soma de 615800 diários, que, adicionados á quantia de 822300, também diários, lhe dá uma receita líquida de 1.437500.

Por aqui se vê que a Companhia podia, satisfazer o pessoal sem haver necessidade de novo aumento das tarifas.

